

## O SÉCULO XVI E SUA PROBLEMÁTICA LINGÜÍSTICA

*Eduardo de Almeida Navarro (USP)*

Sem dúvida alguma, a Idade Moderna surge sob o signo do humanismo, onde avultou a figura do letrado e do filólogo sobre a do teólogo escolástico. Foi justamente nesse momento que surgiram os predecessores das modernas faculdades de letras, os colégios trilingües, que formavam o bacharel em artes, isto é, os professores de latim, grego e hebraico, as línguas que o Renascimento mais valorizou. Saber muitas línguas, na Antigüidade e na Idade Moderna não era um índice de distinção intelectual, mas sim, saber tais línguas, chamadas de “sapienciais”.

O termo “humanismo” não é unívoco. Se com ele designamos uma dada postura em face do homem e do mundo, não há um critério único que fixe sua compreensão e sua extensão. Os diferentes critérios têm fundamentos filosóficos que, por vezes, são excludentes entre si. Assim sendo, diferentes sistemas filosóficos definem-se como “humanistas”, seja o existencialismo de Sartre, seja o marxismo, seja o neo-tomismo de Jacques Maritain.

Há, contudo, um significado de humanismo que desborda do filosófico ou do literário: é o significado *histórico*. Considerado o humanismo de um ponto de vista estritamente histórico, ele é um aspecto fundamental do Renascimento, designando, assim, o ideal do *homo universalis*, do homem compreendido em sua totalidade, seja em sua dimensão física, seja em sua inserção histórica, dotado de livre-arbítrio e movido do ideal de uma vida universal, segundo diz Pico della Mirandola em sua *De Dignitate Hominis*:

Não te fiz determinadamente anjo nem besta, celestial nem terreno, mortal nem imortal, porque posto em tua livre vontade, como senhor e fazedor de ti mesmo, escolhas e te mudes na forma e maneira que quiseses: poderás ser besta se seguires tuas inclinações e serás anjo se as coisas do céu em teu ânimo e coração sentires. (*Apud* MARTINS, 1964: 127)

O humanismo foi uma dimensão do Renascimento que antecedeu a este e deu poderoso contributo para sua irrupção. O Renascimento, se incorpora em si o humanismo, vai além dele, sendo uma confusa diversidade de vários elementos: descobertas científicas, no-

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

vos horizontes históricos e geográficos, o confronto com a alteridade representada pelos novos povos e continentes descobertos, exigindo uma reelaboração dos quadros mentais europeus para enquadrar em seus esquemas de compreensão do homem e do mundo as novas realidades emergentes, a Reforma luterana, a cindir o Ocidente cristão em facções antagonônicas, a ascensão da burguesia mercantil. O Renascimento inclui aspectos que transcendem o conceito de humanismo. Falamos, aqui, pois, de um “humanismo renascentista”, para bem situar um de nossos objetos de estudo.

Assim, o humanismo renascentista recuperou valores que julgava mais identificados com os dos antigos gregos e latinos. Resgatou-se o valor do prazer, da vida ativa sobre a vida contemplativa, buscou-se a superação da Escolástica medieval e a construção de uma *Philosophia Christi*, sem dogmas, deísta, negadora da estrutura eclesial enquanto mediadora necessária entre o homem e Deus.

Nesse contexto, a Filologia libertava-se de sua condição de “serva da Teologia” e assumia posição autônoma e soberana. O valor estético e ético dos textos antigos é visto, agora, *de per si* e não enquanto *ornamenta fidei*. Reconhecem-se, neles, lampejos da sabedoria divina.

O Renascimento seria, dessarte, vincado fortemente pela problemática lingüística, que lhe daria um de seus traços mais característicos, opondo-o a uma Idade Média fundamentalmente latinizante, em que o ideal do homem culto era encarnado pelo teólogo escolástico e não pelo filólogo.

Segundo Nunes (1980: 14), “depois que as Universidades se organizaram no século XIII. . . o interesse de muitos estudiosos voltou-se de preferência para os estudos de Dialética e de Filosofia, tendo a Gramática e as Letras ficado, de certo modo e por algum tempo, no abandono”. Numa época assinalada pelo teocentrismo, os cursos de Teologia gozavam do máximo prestígio social e o latim seria o eclesiástico e medieval.

O Renascimento, contudo, não pode ser compreendido como um todo monolítico. Fruto lídimo da Itália, ele assumiu feições distintas segundo os países europeus. Não se percebe, com efeito, na Península Ibérica, a mesma ética hedonista nem o secularismo que

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

vigeram na Florença dos Médici, nem tampouco a imitação das formas clássicas seria significativa na arte da Ibéria.

Impregnado, em muitos aspectos, de uma ética hedonista e de uma visão deísta do mundo, não ocorreu uma dialética, uma síntese de opostos, entre o Renascimento e o Catolicismo, mas sim, uma negação daquele por este. Ao mesmo tempo em que o Renascimento era negado pela Contra-Reforma católica, o gosto pelos clássicos e pelas línguas antigas e a pedagogia renascentistas penetravam também o Catolicismo (fazendo surgir sábios impregnados do valor da *humanitas*, como já ocorrera na Antiguidade –São Jerônimo, por exemplo, também foi um *homo trilinguis*) e, principalmente, empolgavam a Companhia de Jesus, que se tornaria a maior instituição de ensino da História. Plasmava-se, assim, um novo humanismo, o humanismo “inaciano”, jesuítico. Os jesuítas seriam, com efeito, os maiores humanistas da Idade Moderna.

Embora não fizesse parte de seus objetivos iniciais, a Companhia de Jesus tornar-se-ia uma ordem religiosa fundamentalmente missionária. É, efetivamente, no seio do missionarismo que se deve compreender grande parte de sua obra cultural e pedagógica.

As missões, é mister que se diga, não surgiram na Idade Moderna, mas, sim, na Idade Média. Os mercedários, os franciscanos, os agostinianos foram grandes missionários no período medieval. Contudo, caberia à Companhia de Jesus, a última ordem criada pela Igreja, o papel de dar o máximo desenvolvimento ao múnus missionário, revigorando-o, numa época assinalada pela revivescência de valores pagãos e hedonistas, como era o Renascimento.

É evidente que o Renascimento em Portugal conheceria, por sua vez, o peso da ortodoxia religiosa, tendo-se tornado o mais contra-reformista dos países europeus, ao lado da Espanha. Segundo Martins (1977-78: 17), “em Portugal, o Renascimento só se manifestou por espasmos, logo sufocados”.

Contudo, em que pesem as diferenças notórias entre o esplendor secularizante da Florença dos Médici, da França de Budé, dos Países Baixos de Erasmo ou da Salamanca de Nebrija, o Renascimento europeu tem um aspecto ubíquo e onipresente e que lhe confe-

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

re homogeneidade: o caráter espetacular que assume, então, a problemática lingüística.

A problemática lingüística, suscitada no século XVI, apresentava três vertentes principais:

- A valorização das ditas “línguas sapienciais”, ou as “línguas da missa”, na expressão de João de Barros, isto é, o latim, o grego e o hebraico.
- A emergência das línguas vernáculas e nacionais européias, que passariam, agora, a receber formalização e normatização gramaticais.
- A descoberta das ditas “línguas exóticas” de continentes e de terras antes desconhecidos.

Conclui-se de tais considerações preliminares o fato da extrema relevância da questão lingüística no século XVI, que não hesitamos em chamar de “a era das gramáticas”. Se o termo “gramática”, até então, não evocava no Ocidente mais do que um corpo de sistematização das línguas clássicas, o século XVI começaria a assistir à gramaticalização maciça das línguas do mundo, fossem elas mortas ou vivas, européias ou americanas e asiáticas, de povos de tradição literária milenar ou de povos ágrafos. O século XVI, com efeito, começou a gramaticalizar tudo e a tornar todas as línguas dignas de serem gramaticalizadas.

Para Auroux (1992), o Renascimento foi o eixo de uma revolução técnico-lingüística que, iniciada no século V, estender-se-ia até o ocaso do século XIX. Segundo ele:

Essa gramatização constitui, depois do advento da escrita antes do terceiro milênio antes da nossa era, a segunda revolução técnico-lingüística. Suas conseqüências práticas para a organização das sociedades humanas são consideráveis. (p. 35)

Assim, era de expansão das fronteiras geográficas, o século XVI também o seria de dilatação das fronteiras lingüísticas.

Todavia, se a gramaticalização das línguas vernáculas e exóticas era um fato novo, inédito, as gramáticas das línguas clássicas, no Renascimento, seriam tão somente reformadas, de forma mais ou menos original, haja vista que já as havia desde a Antiguidade. Desse

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

modo, o peso da herança clássica havia séculos estabelecida, de uma tradição gramatical arraigada no solo da latinidade clássica e medieval, iria fatalmente fazer-se sentir sobre as gramáticas das línguas vernáculas e exóticas.

Contudo, se a gramaticalização das línguas vernáculas e a renovação das gramáticas das línguas sapienciais eram uma nota caracteristicamente renascentista, a obra de gramaticalização das ditas “línguas exóticas” seria fruto do trabalho missionário, que, no século XVI, acompanhou *pari passu* a expansão dos ideais do Renascimento, porém não se identificando com ele, mas, ao contrário, negando seus postulados fundamentais.

Assim, a gramaticalização de algumas das línguas vernáculas européias foi contemporânea, conforme já asseveramos, da dos continentes americano e asiático, embora empreendida em diferentes contextos e com diferentes propósitos.

Segundo Auroux (1992: 40),

...que a gramaticalização maciça das línguas do mundo tenha acontecido a partir da Europa e que ela tenha tomado uma amplitude significativa numa época tão tardia é um problema epistemológico e histórico de grande importância, ao qual não se consagrou ainda um estudo profundo. Outras civilizações – indiana, chinesa, greco-latina – teriam tido os meios práticos e teóricos e, provavelmente, também os contatos multilíngües necessários para fazê-lo. Acontece que, sem dúvida, os contatos multilíngües não são suficientes para constituir uma causalidade determinante.

Vários fatores, a nosso ver, determinaram tal preeminência da Europa na gramaticalização das línguas do mundo todo:

– O caráter missionário da religião cristã, que se agudiza com a Reforma Protestante. Perdendo a Igreja Católica sua unidade no Ocidente,urgia impedir o alastramento do Protestantismo pelo mundo. O trabalho missionário fazia-se, pois, imprescindível para se evitar que os seguidores de Calvino ou Lutero convertessem os povos pagãos.

Nesse sentido, nem os hindus, nem os chineses, nem os antigos gregos e romanos tiveram motivações de ordem religiosa para se lançarem àquela empresa. Os árabes, por sua vez, malgrado se tivessem convertido num povo cosmopolita e embora tivessem dilatado sua presença em três continentes, não tinham uma religião missionária.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ria, nem concebiam a idéia de que as verdades do Alcorão se transmitissem em língua que não fosse o árabe. Ademais, sob a dominação árabe, as culturas dos povos subjugados não costumavam anular-se, mas tinham oportunidade para sobreviver, haja vista que a religião muçulmana não lhes era imposta, mas tão somente o domínio político muçulmano. A Guerra Santa era, antes, subjugar o infiel e seus territórios que convertê-lo.

– Somente a Europa veria constituir-se uma classe social com forte potencial revolucionário como a burguesia, e que, consorciada aos reis, abalaria o sistema feudal, levando à formação de Estados nacionais centralizados. Na esteira dos Estados nacionais vem a questão da emergência das línguas nacionais como “compañeras del Império”, como dirá Nebrija. Enquanto isso, o Oriente dividia-se em imensos impérios (o otomano, o chinês), havia séculos consolidados e com línguas de forte tradição literária. Na Europa, por outro lado, o sentido de nacionalidade diluía-se, durante a Idade Média, no de “cristandade latina”. A língua da força de coalescência, de coesão dos povos, da Igreja, não era a língua desses mesmos povos.

Em nenhum lugar isso ocorreu fora da Europa. O latim pairaria, em nível supra-nacional, como fator de unificação, ao lado de fenômenos de dispersão e fragmentação representados pelas línguas neolatinas e vernáculas. Essas eram faladas quotidianamente, mas somente o latim seria estudado nas escolas, de modo que “estudar gramática” significava “estudar latim”, para permitir acesso à cultura escrita. A gramática torna-se “uma técnica geral de aprendizagem, aplicável a qualquer língua, aí compreendida a língua materna” (AUROUX, 1992: 42). Isso porque o latim era uma segunda língua na Europa medieval e sua gramática foi maciçamente empregada para fins de pedagogia lingüística, isto é, para se aprender uma língua que não era a materna. Rompido o equilíbrio político medieval e com a formação dos novos Estados nacionais, as línguas vernáculas seriam guindadas a primeiro plano, mas a gramática latina ficaria subjacente às suas gramáticas que então passaram a ser formalizadas e seria o modelo de qualquer gramática que se escrevesse.

– Em terceiro lugar, somente na Europa instaurara-se uma dicotomia entre as línguas da expressão do saber clássico e religioso e a língua do culto. Com efeito, o latim eclesiástico distanciou-se mui-

## DEPARTAMENTO DE LETRAS

to do latim clássico. O hebraico e o grego, embora línguas em que se vazaram as verdades da fé, eram pouco conhecidos. Desse modo, o humanismo renascentista era, segundo Rico (1978), freqüentemente uma luta contra o latim medieval e sua “barbárie”. Tal dicotomia não ocorreria fora da Europa. Na China, na Índia, no mundo árabe, o saber clássico estava no seio das práticas religiosas e culturais. Ademais, ao contrário do fenômeno de mobilidade das línguas no Ocidente, pode-se observar seu caráter estático no Oriente, onde a língua escrita e a intensidade da cultura dos textos, tornaram lenta a evolução da língua falada.

Desse modo, instauraram-se na Europa certas condições que conduziriam, no século XVI, à “éclosion” das gramáticas, fato de importantes conseqüências para o papel hegemônico que a Europa exerceria nos séculos vindouros sobre o mundo.

## BIBLIOGRAFIA

ASENSIO, E. “La lengua, compañera del Imperio”. *Revista de Filología Española*, XLIII. Madrid, 1960, p. 105-120.

AUROUX, S. *Materiaux pour une Histoire des Théories Linguistiques*. Lille: Université de Lille, 1984

———. *A Revolução Tecnológica da Gramatização*. Campinas: UNICAMP, 1992.

BATAILLON, M. *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1946.

BRAGA, L.A. “Em signo de Latim”. *Integralismo Lusitano*, vol. II, Fasc. 5. Lisboa, 1933, p. 405-417.

BUESCU, M.L.C. *Gramáticos Portugueses do Século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1978.

———. *O Estudo das Línguas Exóticas no Século XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1983.

CURTIUS, E.R. “Humanismo e Renascimento”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, III série, n° 11. Lisboa, 1967, p. 159-208.